

“Só o mercado global é ótimo”

Professor suíço defende abertura do comércio sem restrições para a prosperidade econômica mundial

LUIZ CARLOS SOUSA

Diretor de um programa de pós-graduação em Direito Internacional Econômico e Comercial em Lausana na Suíça, o professor doutor Andreas Ziegler é um ferrenho adversário de protecionismos econômicos. Para ele, os países se desenvolverão a partir do momento em que abrirem-se para o comércio, que pode

ser uma ferramenta importante de transformação econômica e social. Em João Pessoa, ministrando curso nos mestrados de Direito Econômico da UFPB e Relações Internacionais da UEPB, Ziegler recebeu o “Correio” para falar sobre o desenvolvimento e a proteção ao meio ambiente, direitos humanos e, principalmente, sobre a importância do comércio para o homem.

A entrevista

- É possível conciliar o comércio internacional com o meio ambiente?

- Em princípio, não é uma contradição. Às vezes, a gente pensa que sejam coisas distintas. No final, são duas variáveis da sociedade, da vida.

- No nível em que o comércio se encontra hoje, ele não se torna mais um elemento agressor do meio ambiente?

- A economia precisa de um meio ambiente que funcione. O homem precisa, ao mesmo tempo, da economia para poder viver e do meio ambiente. A ideia do desenvolvimento sustentável quer dizer isso. É algo muito velho, mas que está no princípio de toda atividade do homem.

- Remonta há quanto tempo?

- Em princípio é algo velho, mas o termo, o vocabulário foi criado no princípio dos anos 70. Por quê? Porque nos anos 60, sobretudo nos países desenvolvidos, os velhos países de hoje, Estados Unidos, e da Europa, depois de muito crescimento econômico se viu, pela primeira vez, que havia fronteiras, limites para o desenvolvimento e crescimento e que era importante encontrar o equilíbrio.

- Essa discussão sobre o equilíbrio já vem ocorrendo desde quando?

-Vem desde os anos 30 do século passado, quando os pescadores de um lago retiraram demais os recursos naturais e provocaram o desequilíbrio. Em nível global, isso foi aprofundado nos anos 60 e hoje se vê muito nos países emergentes como o Brasil e a China, do que, digamos, na Suíça.

- A China é vista como um dos grandes poluidores...

- Foi a China no último outono. É um país que cresce incrivelmente e tem muitos problemas ambientais, porque não é fácil encontrar esse equilíbrio.

- O Brasil encontra esse equilíbrio?

- Sim. O Brasil é muito responsável na questão ambiental e, ao mesmo tempo, tem essa ideia de desenvolvimento econômico, o que é muito importante para o crescimento do País.

- A água, tão abundante no Brasil, chegará a ser um produto comercial?

- Pode ser. Dizer que algo pode ser comercializado não quer dizer que perde valor e que não pode ser guardado pelo povo. Pode ser preservado. A comercialização pode ser um instrumento, uma técnica para salvar essa riqueza.

- Não há como se desenvolver sem agredir o ambiente?

- Não. O desenvolvimento precisa utilizar os recursos naturais. O importan-

te é saber como será essa utilização, quais são os limites e onde estão as tecnologias que precisamos e onde é preciso regulamentação, essa uma questão, sobretudo, do Estado, que é o responsável pela saúde e preservação do meio ambiente e do desenvolvimento da economia.

-Enfim, o responsável pelo equilíbrio?

- “Sustainable development”, que é como chamamos em inglês o desenvolvimento sustentável, que é o desenvolvimento econômico com preservação ambiental e a terceira dimensão que é a social, porque todo desenvolvimento tem que terminar em crescimento social. O que vocês têm muito no Brasil neste momento.

- Que contribuição o comércio pode dar para esse desenvolvimento com a inclusão de países pobres ou emergentes nos negócios internacionais?

- Ainda com referência ao meio ambiente, muitas vezes a melhor utilização dos recursos, a mais efetiva é a que cria menos danos, que é mais positiva na preservação ambiental. O comércio é isso. É a especialização de cada sociedade, cada região, cada país a partir de sua vantagem comparativa. E assim a produção dos bens é mais efetiva, com menos danos e menos agressão.

- O que dificulta mais o acesso dos emergentes ou dos países mais pobres ao comércio internacional?

- Os emergentes são o melhor exemplo de que esse sistema funciona. A China tem um a organização política in-

terna um pouco diferente, mas o que é importante é que vemos muitos países que até os anos 80 não participavam muito do comércio internacional e hoje a imagem mudou. O quadro é muito diferente. E não é só a China. Há o Brasil, a Índia, a Indonésia, Cingapura.

- Mas o sistema não é perfeito?

- Não, mas é aberto. O problema que os emergentes enfrentam hoje é o protecionismo, que todos têm e por isso temos instituições internacionais que tentam reduzi-lo. Cada país é um pouco protetor, dependendo do setor, especialmente aqueles politicamente difíceis.

- Por que isso ocorre, apesar de todo o desenvolvimento?

- Isso ocorre em países que não têm nenhuma produção ou em países que são muito fortes. Na agricultura é claro. Como é o segmento econômico mais antigo, mais tradicional e até protetor da cultura de um país, muitas nações por razões políticas, demográficas e sociais querem proteger.

- A tendência é acabar ou manter o protecionismo?

- Já se vê no desenvolvimento dos últimos anos que se pode manter a cultura, a demografia, o meio ambiente ao mesmo tempo em que se abre o mercado para produtos agrícolas de outros países. Há países que produzem e protegem uma espécie, um bem e por isso não vão exportar. Isso nos parece bem. O que não é recomendável é o protecionismo, só permitindo a utilização por certos produtores nacionais. Claro que há as exceções, como é no caso da exploração de algumas reservas pelos indígenas. Isso faz sentido.

- Qual o maior problema que o comércio internacional enfrenta?

- O velho protecionismo, porque o comércio pode ajudar a melhorar a gestão da economia, para que todos vivam uma vida mais digna e quando os países agem para proteger algum setor, normalmente não é bom para o consumidor e não é bom para o meio ambiente.

- Por que será que os países investem nesse protecionismo se todos, economistas, professores e autoridades sabem que não é uma boa iniciativa?

- É um problema de organização do Estado. Temos os políticos, que são homens como você e eu, que querem ser eleitos e permanecer no poder. Sabem que para isso alguns grupos protegidos – indústrias e outros setores – são mais importantes que os consumidores e que os produtores estrangeiros. Por isso, de acordo com a sociedade, temos a tendência de proteger alguns setores.

- A Suíça não tem muitos recursos minerais, mas é um dos maiores produtores de tecnologia para exploração de petróleo. O que explica esse salto qualitativo?

- Nem sempre foi assim. É um bom exemplo para os benefícios do comércio internacional pela especialização. Até 1850, a Suíça era um país muito, muito pobre. Por isso tinha muita imigração suíça para o Brasil.

- O que provocou a mudança?

- Com a industrialização, se procurou criar novas manufaturas em países onde havia muita mão-de-obra barata. Essa era a situação da Suíça. Depois que a indústria se instalou, ainda primitivamente, na produção de têxteis, de substâncias químicas e um pouco de alimentos, vieram as invenções, as patentes, toda a indústria farmacêutica tão importante para o país hoje surgiu a partir do início do século XIX, a partir da indústria de cores e corantes. Foi a base para a invenção de muitos pro-



Ziegler vê no protecionismo o maior problema do comércio

cessos químicos e farmacêuticos. As necessidades das indústrias também promoveram o desenvolvimento de serviços financeiros para financiar a produção e daí a tradição dos bancos suíços. Vem de 1870, vinte anos depois da produção industrial.

- E hoje qual a importância da indústria na Suíça?

- Já não é um papel tão importante. Hoje esse papel está com a China, com o Brasil, Índia e África do Sul. Mas ainda temos vantagens nos serviços, por causa dessa tradição de 150 anos e na propriedade intelectual. Mas não achamos nada facilmente. Foi fruto de muito trabalho, de desenvolvimento. E isso, todos os países podem fazê-lo. Foi assim com o Japão nos anos 60, será assim com a China e com o Brasil.

- Como a educação se enquadra nesse processo de desenvolvimento?

- É fundamental. Algumas invenções foram casuais, mas muitas vieram por causa da criação de instituições, de educação, que prepararam engenheiros e cientistas. Um dos responsáveis pelo desenvolvimento suíço é uma instituição do final do século XIX, o Instituto Federal de Tecnologia para ajudar a indústria e a economia locais. Aqui no Brasil, o governo, o Estado tem um papel importante em criar oportunidades e incentivar os jovens em busca da tecnologia.

- Como o senhor vê a questão tributária no mundo globalizado, no e-commerce, com muitos Estados discutindo a distribuição dos impostos pagos na origem, mas não no destino?

- No mundo globalizado, precisamos de novas soluções para a questão de fiscalização e para a tributação. Mas isso sempre foi assim. No século XIX nós saímos de um país e comíamos fora e não pagávamos as taxas locais. Por isso temos vários tipos de taxas e impostos. Alguns funcionam melhor na globalização. Nos países desenvolvidos vemos que os maiores impostos são os

sobre a renda, que é mais difícil para administrar em países como o Brasil.

- Como o senhor avalia o impacto da tecnologia para o avanço do comércio e para o meio ambiente?

-Não é muito nova essa discussão. No século XIX as usinas na Inglaterra poluíam muito. Então, já se destruía e já se poluía o meio ambiente devido à tecnologia, sobretudo as tradicionais, como a oxidação e a combustão. Hoje as tecnologias são mais limpas; tecnologia de informação, serviços.

- Como aplicar a tecnologia para uma produção mais limpa?

- Tem que investir, regular, às vezes. A tecnologia também pode permitir um melhor aproveitamento do meio ambiente, de sua gestão.

- Comercializar mercados, desenvolver tecnologias e respeitar os direitos humanos. Isso é possível?

- Os direitos humanos são um pouco como o meio ambiente. Estão dentro do desenvolvimento sustentável. A economia e o comércio não estão contra os direitos humanos. Hoje se diz que só há economia desenvolvida se ela não for contra os direitos humanos. Todos precisamos respeitar os direitos humanos, do mesmo modo que precisamos comercializar coisas, inventar e desenvolver projetos. Há muitos atores envolvidos, mas todos precisam de proteção aos seus direitos.

- O problema parece cíclico, se repetindo anos após anos?

- No século XIX tivemos o mesmo problema. O crescimento da indústria precisava de mais trabalhadores. Muitas vezes gente do campo foi trabalhar nas fábricas e se precisou identificar e regular os direitos dos trabalhadores. Houve jornadas excessivas de até 14 horas por dia para mulheres e crianças. Descobriu-se que isso não era possível, não era humano. Depois se regulou, de modo que na Suíça hoje

trabalhamos 42 horas por semana. Na China a jornada ainda é grande, mas com o desenvolvimento eles vão trabalhar menos. Aqui é onde entra o papel do Estado.

- Como o senhor vê o problema da pirataria, que hoje tanto afeta o comércio legal?

- Já percebeu que gosto muito de História, não? A pirataria é o melhor exemplo de um crime que acontece há mais de 500 anos. O que é interessante: é um crime que, por definição, é transnacional, porque os oceanos não são parte de um país. Portanto, todos têm que cooperar para lutar contra a pirataria. Essa foi a origem dos primeiros tratados, das primeiras regras internacionais de direito: lutar em conjunto contra a pirataria.

-Como o senhor analisa a união de países em blocos econômicos e políticos?

-A criação de blocos, de zonas, áreas de livre comércio é muito positiva. É a teoria da vantagem comparada. Quando Brasil e Argentina abrem fronteiras para ter um mercado comum é muito positivo. Os resultados já podem ser vistos. O problema é que a criação de blocos as vezes torna o mercado global mais difícil.

- Por quê?

- Por razões políticas você abre o mercado para os vizinhos, mas fecha para os demais. Foi o problema da União Europeia, sobretudo no princípio. Abriram os países para os europeus e fecharam para os demais. Protegeram-se do resto do mundo, o que não é bom. Uma região nunca será o melhor mercado, porque só o mercado global é ótimo. Por isso precisamos de instituições internacionais, como a Organização Mundial do Comércio e o Fundo Monetário Internacional, porque ajudam em nível mundial.

- Caminhamos para o mercado global?

- Sim. Mas, às vezes, é muito lento, como no momento atual. Estamos perdendo tempo, muito tempo, sobretudo

pelos países emergentes e ainda mais pelos países mais pobres, como os africanos. Vejo o livre comércio como o instrumento ideal para melhorar a situação de muita gente, mas é algo que se pode perder porque os governos podem bloquear esse processo. Todos os governos do mundo têm uma responsabilidade como em relação ao sistema econômico que pode florescer.

- O que o trouxe a João Pessoa?

- O Brasil tem um papel importante na economia mundial. É um dos dez atores principais da economia mundial. E há muita gente, no próprio Brasil, que se interessa pelo funcionamento da economia e da governança da economia internacional. Já tem ótimos diplomatas, mas ainda na educação universitária há carências. Então, alguns professores, como Marcilio Franca, sentem a necessidade de desenvolver isso. E se eu em Lusano posso ajudar nisso, podemos ganhar todos, principalmente os estudantes brasileiros aprendendo sobre o tema no próprio país.

O Brasil é muito responsável na questão ambiental e, ao mesmo tempo, tem essa ideia de desenvolvimento e econômico

Os direitos humanos são um pouco como o meio ambiente. Estão dentro do desenvolvimento sustentável

O importante é que vemos muitos países que até os anos 80 não participavam muito do comércio e hoje a imagem mudou